

Sinto o 25 de Setembro como data minha

Notícias 24/9/84

— Bernabé Minga, que participou no ataque ao Posto de Chai

por Valentim Daniel (texto) e Simão Matias (foto)

«Todos os anos, quando chega o 25 de Setembro eu fico muito satisfeito. Faço desta data uma ocasião de festa não só para todo o Povo moçambicano, mas minha, particularmente». Quem assim afirma é Bernabé Minga, 44 anos de idade, 22 dos quais passados na FRELIMO. Natural de Nangololo, distrito de Mueda, Bernabé Minga é veterano da Luta Armada de Libertação de Moçambique, gozando da particularidade de ter pertencido ao grupo dos jovens guerrilheiros da FRELIMO que, sob comando de Alberto Joaquim Chipande, tomaram parte no ataque ao posto administrativo de Chai, a 25 de Setembro de 1964, ou seja, há precisamente 20 anos.

Exercendo hoje as funções de Secretário da Economia do Comité Distrital do Partido em Mocimboa da Praia, Minga, embora apresentando já um semblante cansado, tem ainda na memória passagens importantes da heroica luta travada pelo Povo moçambicano pela conquista da independência.

Numa recente deslocação a Mocimboa da Praia, procurámos-lo para ouvir alguns aspectos do histórico ataque ao posto administrativo de Chai.

Em 1962, com apenas 22 anos de idade, este cidadão já era possuidor do cartão de membro da FRELIMO, documento que era distribuído a todos os militantes de confiança, particularmente na zona de Mueda e noutras regiões situadas ao longo da fronteira com a vizinha Tanzânia. Foi mobilizado pelo velho Lucas Ngavanga para abandonar o País — assim disse o nosso entrevistado, referindo-se à sua saída de Mueda para Mutuara, na Tanzânia e a integração depois no Centro de Preparação Político Militar de Bagamoyo.

Depois de cerca de seis meses de treinos militares, Minga foi integrado num grupo de guerrilheiros que acabavam de receber a preparação militar na Argélia.

Explicou, a nosso pedido, como a luta armada começou:

— Nós saímos de Mutuara em Agosto de 1964. Chegámos no Interior do País e fomos até uma baixa chamada Nalimue, na região de Nangololo-Mueda. O camarada Raimundo Pachinupa e um chairman saíram e foram até à região de Chai para fazerem o primeiro reconhecimento e mais tarde regressaram ao local onde nos encontrávamos.

(...) Depois saímos de Nalimue e fomos em direcção a Chai. Ao entrar, atravessámos o rio Messalo e cerca das quatro horas de madrugada passámos pela povoação de Lincucha. Um morador desta povoação, que não nos conhecia, tomou a iniciativa de organizar as pessoas para nos perseguirem, mas não tivemos problemas devido à acção levada a cabo pelo velho Jossef, que nos conhecia e era militante da FRELIMO. Estivemos na região próxima, do amanhecer ao entardecer.

O nosso entrevistado conta que a 24 de Setembro o grupo progrediu em direcção ao posto de Chai, mas, como não tivesse ainda uma informação pormenorizada sobre a localização do posto administrativo, o camarada Chipande ordenou ao Bento Bachir para que fosse a Chai fazer o reconhecimento. Ele saiu logo pela manhã. Antes de chegar ao posto, Bento Bachir pôs uma ligadura num dos pés como se fosse a algum tratamento hospitalar.

Efectivamente, Bento Bachir dirigiu-se ao posto hospitalar e, em conversa com algumas pessoas, recolheu toda a informação sobre a localização da administração, residência do administrador, movimentação dos polícias e mais. Por fim, dirigiu-se à loja de indianos e ali comprou sardinha enlatada e pães, regressando depois ao local onde outros guerrilheiros se encontravam.

Sobre o ataque à residência do

administrador do posto de Chai, Bernabé Minga revelou o seguinte:

— Por volta das 17 horas, encontrávamo-nos na região próxima de Chai. Numa zona próxima ouvimos o disparo de uma arma de fogo. O tiro atrapalhou-nos bastante, mas, volvidos alguns momentos, vimos uma pessoa chamando por outros caçadores e, mais tarde, ouvimos o ruído de um veículo automóvel que ia recolher a caça.

Por volta das 18 horas, saímos do lo-



Bernabé Minga, veterano da Luta Armada que participou no ataque ao Posto de Chai

cal onde nos encontrávamos e progredimos em direcção à estrada e, quando chegámos nos cauleiros próximos, distribuímo-nos e tomámos as nossas posições.

A nossa chegada, encontrámos um sentinelha fazendo a guarnição à residência do administrador. Momentos depois, o sentinelha saiu e foi buscar uma cadeira. Nesta ocasião, o camarada Chipande progrediu e encostou-se a um muro junto à cozinha. O primeiro tiro do nosso chefe foi dirigido a este sentinelha, que caiu de imediato. E nós começámos, logo de seguida, a disparar.

Bernabé Minga adianta que quando estávamos em acção, ouvimos do interior da casa uma voz perguntando o que se estava a passar, mas nós respondemos lançando granadas para o interior.

Volvidos alguns momentos, Alberto Chipande deu sinal do fim da operação — (acendendo três vezes a lanterna) — e nós recuámos. Nesta acção quem respondeu ao nosso fogo foi apenas um cipião que guarnecia a cadeia.

20 ANOS DEPOIS: COMBATER BANDIDOS TAREFA PRIORITÁRIA

Indagado sobre como hoje se sente, volvidos 20 anos da data do início da Luta Armada de Libertação Nacional, Bernabé Minga não teve palavras para dizer repetidas vezes: Eu fico muito satisfeito. Costumo fazer festa. Quer dizer, faço do 25 de Setembro uma festa não só de todo o Povo moçambicano, mas, minha, particularmente.

Para Bernabé Minga, o combate ao banditismo armado e o desenvolvimento da economia nacional constituem hoje principais formas de valorização do 25 de Setembro; a valorização do sangue vertido pelos melhores filhos de Moçambique pela conquista da independência nacional.